



GRACIAS
a la vida!



mirarte

GRACIAS
a la vida!



mirarte

2021

© Das autoras, 2021

Todos os direitos autorais reservados e protegidos
pela Lei 9.610, de 19.02.1998.

Coordenação editorial
Rose Ferrari

Imagem da capa
K.J. Pargeter / Freepik Company

Revisão, projeto gráfico e diagramação
Mirarte Editora

Esta antologia é resultante da oficina de
escrita criativa Contos 50+, realizada pela Mirarte Editora
na sede do Sindicato dos Trabalhadores
Metalúrgicos de Salto/SP, em novembro de 2021,
com recursos da Lei Aldir Blanc.



Sumário

Apresentação	7
Bene Batista Meninas fujonas	9
Bernadete Cassamatta Dallara O bilhete	11
Bernadete Vicente Corrêa Fazenda Ipanema	15
Cleusa de Almeida Silva Dona Cotinha	19
Dulcinéia Callegari Favaretto Saudade	21
Edalex Noronha Adeus, escolinha	25
Edith Leite Ferrari Coisas da lua cheia	29
Eneli Benvenuto Fases da vida	31
Eurídice Bautista A vizinha	33
Helena Barbosa Desencaixotando Helena	35

Lilia Francischinelli do Prado Festa de Setembro	39
Lusimar Naponucena Um certo menino	43
Malu Ribeiro João, o português	47
Margarete Reis Martins Tamanho família	49
Maria de Lourdes Andrades Pereira O fogo chegou	55
Maria Gasparini A flor que reencontrei	57
Maria Helena Croon Magnusson Uma longa jornada	61
Maria Ramos Gomes Primeiro dia de aula	63
Marta Fernandes Caceta Minha primeira bisneta	67
Sonia Santos O vestido vermelho	69
Sueli Tarossi Paixão de Carnaval	75
Sueli Tiemi Arashiro Moriya Mãe batalhadora	81
Teresinha Cordeiro O novo mundo	83

Apresentação

Falar de Literatura com mulheres acima de 50 anos, ouvir suas histórias e motivá-las a escrever foi uma das experiências mais fascinantes nesses mais de 30 anos de carreira como editora.

Muito mais que ensinar-lhes noções sobre técnicas de construção do texto e as diferenças entre os gêneros literários, apresentei-lhes minha paixão pelas boas histórias. E elas, rapidamente, perceberam que esse tem sido o modo como nós, seres humanos, aprendemos e ensinamos, transmitindo conhecimentos há milênios.

E foram além, muito além.

Cavaram espaço em sua vida diária, repleta de afazeres de esposas, mães, avós e bisavós que são, para vasculhar as memórias, encontrar as boas histórias e até se aventurar na criação de "causos" para contar.

Fizeram, antes de tudo, um exercício de liberdade. Permitiram-se viajar no tempo e no espaço para se divertirem ou até chorarem com as lembranças de fatos que marcaram suas vidas.

Venceram a timidez, o medo de errar, os obstáculos da linguagem e do uso da informática... Superaram até mesmo limitações físicas que, para algumas, hoje dificul-

tam a escrita.

São valentes! E isso me dá um orgulho danado da confiança que depositaram em mim.

Esta obra apresenta o resultado dessa brincadeira séria à qual nos lançamos. Sua produção literária é, ao mesmo tempo, uma alavanca a sua autoestima e o compartilhamento de experiências de vida com as novas gerações.

Não faz diferença se escreveram muito ou pouco, se o que produziram são contos ou crônicas. O importante é que se dispuseram a pensar e a ESCREVER, cada uma do seu jeito, sobre seu modo de ver o mundo... um mundo repleto de fé, amor, família, amizade e gratidão pela vida.

Gracias, queridas! Ou, como desejaram dizer, Gracias a la vida!

Rose Ferrari
Editora

Meninas fujonas

Bene Batista

Nos anos 50, morava em Caldeiras, num sítio a alguns quilômetros de Indaiatuba. Um pouco distante de casa ficava a "Escola Mista da Fazenda São João", mas dava muito bem para ir a pé.

Minha irmã levava a sacolinha de pano feita por nossa mãe, onde carregava seus pertences, os meus e de meu irmão. Os três de pés descalços iam alegres, cantando pela estrada poeirenta de terra.

À margem da estrada havia um jataizeiro que dava frutos saborosos e uma sombra bem acolhedora, onde parávamos para descansar e pegar jataís. Em seguida íamos para a escola.

Certo dia, quando saímos para o recreio, minha irmã, eu e uma coleguinha de classe, fugindo dos demais, fomos para o rio. Ele era fundo, com uma pontezinha improvisada de madeira para atravessar do outro lado, onde os lavradores iam para o arrozal.

Ao passar pela ponte, minha irmã e a colega molharam os pés na água e eu, querendo imitá-las, perdi o equilíbrio e caí dentro do rio.

As duas, assustadas, tentavam me salvar. Foi por Deus que conseguiram.

Minha irmã, disse:

– Você subiu, mas afundou. Depois subiu de novo e conseguimos tirar você da água.

E agora, como encarar a professora?

Mas não teve outro jeito senão voltar para a sala de aula.

A professora ficou muito brava, pregou aquele sermão e depois disse:

– Vão já para casa e só voltem amanhã.

– E agora, como voltar para casa? Qual seria o castigo?

Ao chegar ao jataizeiro, já bem próximo de casa, disse para minha irmã:

– Vamos ficar aqui até secarem minhas roupas, assim a mãe não precisa ficar sabendo.

Minha irmã disse:

– Que nada, vamos para casa.

Assim fomos os três, quase chorando. Chegando em casa, minha mãe falou:

– Porque estão chegando mais cedo? O que aprontaram?

– Mãe, caí no rio – eu disse.

Minha mãe, pálida e nervosa, gritou:

– Vocês não vão mais para a escola!

Para mim este seria o pior castigo. Então, esperei acalmarem-se os ânimos, fui conversar com minha mãe.

– Por favor, mãe, deixe-nos retornar para a escola. Prometo nunca mais ir ao rio e, mesmo que todos vão, eu ficarei na sala de aula. E assim minha mãe concordou.

Alguns meses mais tarde, meu pai resolveu mudar-se para Salto. Continuei meus estudos no Grupo Tancredo do Amaral, Ginásio Industrial e Instituto Borges de Artes e Ofícios, em Itu.

O bilhete

Bernadete Cassamatta Dallara

Irene Martins, quinta filha do casal Eurico e Madalena Martins, já com seus 14 anos, trabalhava na fábrica de tecelagem em meados de 1960. Irene era sonhadora e queria muito ajudar seus pais a terem uma casa própria, pois moravam em sítios onde seus pais eram lavradores, trabalhavam com a terra, com plantações.

Ela e sua irmã Nair eram funcionárias da tecelagem e ambas gostavam muito do trabalho e de ter outra expectativa de vida, afinal de contas as coisas estavam melhorando e a cidade crescendo.

Um dia, Irene estava com a irmã e, na saída do trabalho, encontrou Joaquina, uma conhecida de sua mãe, que estava a comprar bilhetes da sorte na quitanda do Sr. Mário.

Naquela noite Irene sonhou que havia comprado um bilhete e que ganhara o valor suficiente para comprar uma casa para seus pais. Ficou intrigada com o sonho e acabou contando para sua irmã, que achou uma maluquice. Mas na saída do trabalho elas tinham que passar pela quitanda. Foi uma oportunidade de Irene perguntar ao Sr. Mário como funcionava o jogo, pois ela não conhecia, e seus pais não gostavam de jogos.

Mário explicou que se tratava de jogo de bicho: “você joga uma quantia de dinheiro em determinado bicho e, se ele for o sorteado, você recebe o prêmio em dinheiro”.

Irene ficou entusiasmada, mas o valor era alto, ela não tinha esse dinheiro. Nos próximos dias, sonhou de novo... e resolveu vender um corte de linho que seria usado na confecção do terno de seu pai para o casamento de seu irmão Jorge, o primogênito. Sua irmã achou uma loucura, mas ela pegou o corte de linho escondido de todos. Nair tinha que manter segredo!

Irene falou com Seu Mário e empenhou o corte de linho para poder fazer o jogo, embora ele a tivesse aconselhado a pensar melhor, pois poderia perder tudo. Irene estava convicta do que queria fazer e o fez assumindo total responsabilidade.

Naquela noite quase não dormiu, pois estava preocupada, mas, no fundo, tinha a percepção de que estava fazendo o certo, embora escondido.

Ao amanhecer, lá foram as irmãs para o trabalho, passando o dia ansiosas.

Quando saíram da fábrica, ao passar na quitanda do Seu Mário, ele veio ao encontro delas, sorridente e agitado, para dar-lhes a notícia do prêmio:

– O bilhete... Deu a borboleta!

Irene ficou simplesmente extasiada e Nair, aliviada, pois estava muito preocupada de que sua irmã perdesse o corte de linho.

Quando chegaram em casa com a notícia, seu pai ficou muito bravo com a atitude delas. Não entenderam, mas sua mãe explicou a elas que seu pai tivera um primo com desfecho muito triste na vida devido a jogos, por isso ele não gostava.

Com jeitinho, Irene foi conversar com o pai, dizendo a ele que sonhara várias vezes com um menino que tinha uma borboleta na mão, e dizia a ela que poderia ajudar o seu pai. No sonho ela perguntava “como” e ele lhe mostrava a borboleta. Ela não entendia, mas quando encontrou Joaquina na quitanda do Seu Mário, fazendo jogos de bicho, lembrou do sonho... Assim resolveu arriscar.

O pai contou-se sobre o primo, que ajudava a família vendendo sorvetes na praça e engraxando sapatos. Ele gostava de jogar, apesar de ter somente 10 anos, mas a mãe nem sempre permitia. Um dia ele fez um jogo que a mãe não o deixou concluir e que, ao conferir o resultado, ele teria ganhado. Então, desapareceu e nunca mais voltou para a família. O primo era muito próximo de Eurico... Ao lembrar, começou a chorar e Irene o consolou.

Irene pediu ao pai que a perdoasse e disse que não queria desapontá-lo. Eurico foi até o quarto e trouxe a única foto que tinha do primo Jorge. Quando a garota viu a imagem ficou pasma, pois era o menino de seu sonho.

Fazenda Ipanema

Bernadete Vicente Corrêa

– Tiaaaa! Tia Palmira!

E lá vinha ela, a irmã de meu pai Ferdinando, nos atender: minha mãe Maria, minha *nonna* Gigetta e eu, Bena. Junto com ela, vinham meus primos Ditinho e Maria Helena, sempre nos recebendo com grande carinho.

Todos os anos, em novembro, nas férias da Brasital, onde minha mãe trabalhava, íamos de trem à Fazenda Ipanema, no município de Sorocaba, onde residiam meus tios e primos.

A fazenda era e continua sendo um local de muita importância histórica. Ela foi o berço da siderurgia nacional, pois lá foi encontrado minério de ferro pelo bandeirante Afonso Sardinha. Por ali passa o rio Ipanema, o primeiro represado da América do Sul, constituindo-se numa represa maravilhosa, de onde se pode observar um lindo pôr do sol. Ipanema é uma área com mais de 5 mil hectares e chegou a ter cerca de mil habitantes. Hoje está subordinada ao Instituto Chico Mendes para conservação da biodiversidade, passando a se chamar, então, Floresta Nacional de Ipanema.

O ano de nossa aventura era 1959. Meu tio Nigo trabalhava no Comando da Estação Ferroviária do local,

e a casa deles, que era construída em madeira, ficava bem pertinho dos trilhos. Quando o trem passava, sentíamos a casa tremer todinha.

– Uhuuuulll!

Que delícia! – gostávamos daquela emoção.

Normalmente íamos numa sexta feira, porque no dia seguinte, bem cedo, logo depois do café da manhã, estávamos prontos, com sacolas nas mãos, para sairmos em busca de alguns pés de mangas. Já era tempo da colheita!

– Vamos, *nonna* Gigetta!

– Será que a senhora consegue subir o morro? – disse o neto Ditinho.

– Claro que consigo!

Nossa *nonna* era uma pessoa muito ativa e divertida, sempre disposta a tudo o que a vida lhe oferecia, principalmente passear e viajar com filhos, noras e netos. Quando nos encontrávamos aos sábados, em Salto, ela, meu pai e eu íamos ao Bar da Pedra para eles apreciarem uma cerveja acompanhada de ovos cozidos, polvilhados com sal e pimenta. Aos domingos, depois da missa, sempre buscava a casa de um filho ou filha para almoçar. À tarde sentávamos à porta da rua, onde se juntavam alguns vizinhos e dali saíam muitas histórias interessantes. No dia de sua morte, que aconteceu de repente, ela havia marcado para ir de caminhão à Festa de Nossa Senhora das Neves, padroeira do Bairro Buru.

Mas naquela manhã de 1959 a *nonna* estava animada! Tia Palmira chamou a todos:

– Vamos, pessoal, temos que atravessar o córrego para subir o morro!

O córrego tinha uns dois metros de largura, onde corria uma água límpida que alcançava até os joelhos

das crianças e chegava à beira de um barranco, no quintal da casa dos meus tios. Fomos atravessando-o e, ao subir o barranco, de uns dois metros de altura também, sempre uma das crianças escorregava, de propósito, voltando para trás e caindo no córrego. Era uma farrá só! Muitas gargalhadas, num divertimento total com a mais pura inocência de uma família unida.

Então, tia Palmira, para tentar ajudar gritou:

– Me dê a mão, Maria Helena! Já venho buscar você, Bena!

– Ditinho! Segura na mão da *nonna* e sobe; vocês dois vão se agarrando nesses arbustos dos lados, que são fortes!

– Pode deixar, que eu ajudo a Bena – falou minha mãe.

E assim, uns segurando nos outros e nos arbustos nas laterais do tal morro, chegamos ao topo, felizes e realizados por termos conseguido. E rindo, rindo muito, de nossas trapalhadas.

– Ufa! E agora, é só andar um pouco, que tem umas mangueiras logo ali à frente! – disse Ditinho.

– Um pouco?! São uns 4 km! – retrucou tia Palmira.

– Então vamos mais rápido – falou *nonna* Gigetta – porque tem a volta, na descida do morro, com as sacolas cheias de mangas e o sol mais quente ainda!

Avistamos as mangueiras e elas estavam carregadas das frutas, umas mais verdes e outras mais maduras.

– Mãe do céu! Quanta manga!

– Podemos apanhá-las e comê-las? – perguntamos, já aos gritos de empolgação.

– Vamos encher as sacolas, que são três, até a metade delas para não ficarem tão pesadas e conseguirmos

carregá-las – disse minha mãe.

– Siiimmm! – respondemos em coro.

Ditinho, Maria Helena e eu mais nos lambuzamos com as mangas do que colocamos nas sacolas.

Tia Palmira disse:

– As sacolas já estão na medida. Vamos embora, que o sol está ficando muito quente.

E lá fomos nós até o topo do barranco, para descermos. Chegando lá, a festa era muito maior e mais divertida. Nós, as crianças, descíamos o barranco sentadas, gritando felizes até chegarmos ao córrego, junto com minha mãe. Lá de cima, a *nonna* Gigetta e tia Palmira soltavam as sacolas de mangas deslizando, até caírem no córrego, onde já eram pré-lavadas.

– Cuidado, Maria Helena, não deixe as mangas irem embora... Segura! Pega elas!

– Sim... Bena, estou tentando, mas tô caindo! Vem me ajudar!

– Estou indo, prima! Corre aqui, Ditinho!

Era um tal de tentar pegar as mangas, escorregar e cair.

Cansados, mas felizes, chegávamos em casa. Já havia passado toda a manhã e o sol continuava iluminando majestosamente aquele lindo lugar. Mais tarde, umas nuvens contemplavam o céu e a chuva caía mansa, exalando o inesquecível cheiro de mato.

É por isso que, toda vez que a chuva chega tranquila, me emociona e acalenta o meu coração.

Dona Cotinha

Cleusa de Almeida Silva

Quem é Dona Cotinha?

Querem saber?

Dona Cotinha é uma senhora simples, quase analfabeta, mas de uma grande sabedoria.

Ela tinha o costume de, depois de fazer seus serviços de casa, reunir as crianças da redondeza para contar suas histórias.

Aquela simples senhora conseguia levar as crianças a acreditarem nos contos apresentados por ela.

Como seria bom, nos tempos de hoje, se houvesse uma Dona Cotinha para levar às nossas crianças o valor dos livros, pelas histórias que ali estão e que podem levá-las a qualquer lugar que a imaginação alcançar.

Saudade

Dulcinéia Callegari Favaretto

Naquela manhã fria, em meados de 1924, na Itália, os passageiros observavam atentamente os movimentos dos navios no porto que, ao som de seus apitos, indicavam as partidas.

Junto ao cais, à espera do navio que iria conduzi-los a uma verdadeira aventura, dois jovens casais ansiosos, jamais poderiam imaginar a realidade que seus olhos revelavam. Enfim, a partida rumo a uma nova pátria. Aquela que iria acolhê-los e permitir-lhes realizar seus sonhos: uma nova vida e a constituição de uma família.

Se para eles a partida era de muita esperança e felicidade, o mesmo não ocorria com os familiares que ficaram. Procuravam transmitir alegria, mas em seu íntimo havia muita tristeza, pois sabiam que uma longa trajetória se iniciava, talvez sem retorno. Era, portanto, um adeus. Tristeza e saudade iriam bater à porta dos corações brevemente.

Tudo isso só foi possível graças aos preparativos feitos com antecedência, pois já se falava em uma Segunda Guerra Mundial.

Sendo o navio o único meio de transporte compatível com a realidade, assim foram rumo a uma nova

pátria, nova vida no BRASIL.

Durante os meses que se seguiram, a viagem foi de muitos sacrifícios, vivendo e convivendo com dificuldades higiênicas, com doenças entre os passageiros e alimentação precária. Tudo em prol de um sonho e das promessas de fartura.

Eram os imigrantes italianos. Particularmente, o que chamava a atenção para os dois casais era o fato de serem formados por dois irmãos e duas irmãs.

Chegando ao destino, ainda na alfândega, foram surpreendidos com a notícia de que seguiriam para o mesmo destino, ou seja, a cidade de SALTO, em uma fazenda para o cultivo do café.

Um dos casais foi o precursor na formação da família, sendo agraciado com três filhos que formaram uma família harmoniosa e feliz. Esses foram os meus *nonnos*, dos quais repito, com muito orgulho, o que contavam sobre a juventude em sua terra natal.

Meu *nonno* destacou-se como Guarda do Rei, também conhecido como *Carabinieri*. Dizia sempre que um soldado do rei deveria ser obediente e ter uma postura alinhada.

Minha *nonna*, era governanta como profissão, de uma tradicional família italiana na cidade de Veneza, onde aprendeu bons modos e tinha orgulho de nos ensinar. Entre esses ensinamentos, lembro-me bem, um era o de se apresentar com dignidade perante outras pessoas, sempre bem “produzida”, como se diz nos dias de hoje: cabelo arrumado, roupa impecável e atenta às necessidades da família e suas obrigações, como destacava em seus relatos. Todas essas histórias, que para qualquer adolescente como eu não passavam de diversão, ouvia como um ensinamento.

Não poderia deixar de mencionar também a vida da família de meu tio e minha tia, que viajaram com meus *nonnos* e se mantiveram unidos depois, formando uma só família. Dizia meu tio ser soldado do exército e que pretendia ser um dia oficial militar. Em função da proximidade da Guerra, ele teve que abandonar suas aspirações, mas por uma causa justa: casar e buscar uma vida melhor, um futuro promissor. Minha tia, na maioria das vezes, destacava a juventude num grupo de amigas na Itália, sendo uma delas irmã do padre Giuseppe Sarto, depois nomeado Papa Pio X. Muita alegria e brilho em seus olhos ao nos contar suas histórias.

Contavam também sobre as conquistas que obtiveram a partir do trabalho duro, “de sol a sol” como diziam, mas que lhes possibilitou fazer uma reserva financeira e adquirir uma pequena gleba de terra, que se multiplicou em outras conquistas, tornando-se uma realização pessoal e familiar.

Destacavam a convivência harmoniosa, feliz e, como de costume na época, animada com muita música, pois promoviam bailes em sua propriedade, vindo a ser uma família conhecida e querida pelos arredores.

Tudo se passou na minha infância, quando sentávamos na sala de minha *nonna* e juntas ficávamos horas relembando tudo isso.

Que saudade desses nossos contos!!! Hoje todos já se foram para a casa do Pai e, com certeza, estão rindo desse nosso conto e também matando a saudade.

Adeus, escolinha

Edalex Noronha

Era 1966. 12h30, ponto de ônibus. Uma jovem professora de 24 anos aguardava seu transporte público. Gargalhas de crianças e barulhos ordinários do dia a dia preenchiam os ouvidos da jovem. Saindo de Casa Branca, o ônibus passava por Itobi até chegar em São José do Rio Pardo, a cidade de Euclides da Cunha. A professora sentia a brisa do vento em seus longos cabelos e o leve balançar do ônibus, passando pela estrada reta de terra batida até chegar em seu destino: Santa Clara, uma pequena escola que ficava escondida entre as margens dessa estradinha plana.

Lá havia 30 alunos que compunham crianças da primeira, segunda e terceira série. A jovem professora tinha que se virar para conseguir lidar com crianças de diferentes idades e níveis de aprendizagem, mas ela gostava. Não, ela definitivamente amava!

Em um dia qualquer, numa hora qualquer, enquanto a professora dava sua aula do dia, os alunos começaram a ficar agitados. Ela não entendeu a origem do alvoroço, mas berravam que estavam sentindo cheiro de fumaça. Olhou pela janela, olhou pela porta da sala, respirou profundamente algumas vezes para ver se sentia algo dife-

rente, e simplesmente tudo estava o mais normal que poderia estar.

– Não está acontecendo nada, pessoal. Por favor, vamos voltar a prestar atenção na aula, sim?

E a jovem professora seguiu o que tinha que seguir. Um tempo passou e os alunos, mais uma vez, começaram a murmurar e, depois de um tempo, a berrar:

– Eu estou sentindo o chão quente – dizia um.

– Eu estou vendo fumaça – berrava o outro.

E então, finalmente, a professora percebeu que algo estava errado. Logo após essa constatação, ouviu-se um barulho alto. Foi berreiro para cá, gritaria para lá. E a jovem professora tentava ao máximo não ser mais uma berrando e chorando.

Como se uma luz surgisse em sua cabeça, lembrou-se de que havia um depósito embaixo da pequena escola e, talvez, a origem de todo esse estresse viesse de lá.

Correndo feito um raio, desceu as escadas e um calor alojou-se dentro dela. Não sabia se era de nervosismo ou se algo estava pegando fogo. Infelizmente foi a segunda opção...

O depósito estava em chamas!

A professora simplesmente não conseguia acreditar no que via. O fogo, saindo de todos os lugares, avançava cada vez mais rápido, como se fosse uma pessoa com pressa.

A jovem correu de volta para a sala e o caos foi instalado. Os alunos viram na expressão da professora que algo ruim estava acontecendo. Em meio à gritaria, a voz da professora conseguiu se sobressair e foi dando orientações sobre o que deveriam fazer, mesmo ela não sabendo o que de fato era para ser feito.

Na estrada, pessoas que passavam por ali viam

crianças pulando as janelas e correndo para longe da pequena escola Santa Clara. Por um momento acharam que eram apenas alunos fugindo do mundo acadêmico e tentando safar-se de mais um dia na escola, porém viram fumaça saindo da parte de baixo da “Santa Clara”. Algo estava acontecendo... não eram apenas crianças fujonas. Então, correram para ajudar.

A professora gritava calma e ordens. Os alunos mais velhos pegavam nas mãozinhas dos mais novos e corriam rumo à estrada de terra batida. A jovem pegava no colo duas crianças que não conseguiam correr e fazia o máximo para conseguir se locomover para longe do fogo.

Como se fosse um aviso de que a “Santa Clara” estava em seus últimos momentos, outro barulho, mas muito mais alto do que o anterior, aconteceu. A jovem professora usou todo o resto de suas forças e correu com as duas crianças. O seu alívio em meio a esse caos era de que todos os seus outros alunos já estavam na beira da estrada, sendo amparados pelas pessoas.

Foi o fim da pequena escola de São José do Rio Pardo: a velha “Santa Clara” não sobreviveu ao fogo. A origem do incêndio nunca foi descoberta, os alunos foram realocados em outras escolas, longe de suas casas, e a professora, agora um pouco traumatizada, foi dar aula em outro lugar, mas nunca mais se esqueceu, da “Santa Clara”, uma escolinha tão pequena, mas cheia de histórias.

Coisas da lua cheia

Edith Leite Ferrari

In memoriam

Aquela era a Colônia dos Pinheiros, uma comunidade agrícola formada por trabalhadores da Fazenda Santa Cruz, no município de Capivari. O conjunto de casas simples, dotadas de fogão a lenha e poço caipira, pertencia ao patrão, um latifundiário de cana e fabricante de açúcar em suas usinas de processamento do “ouro branco”.

Era uma sexta-feira de lua cheia, na Quaresma de 1951, quando eu tinha quase 10 anos. Eu, o Zito – meu irmão – e toda a família tínhamos ido rezar o terço na casa da minha avó Maria, ali mesmo na Colônia onde morávamos. Era costume, no sítio, rezar o terço durante a Quaresma.

Minha prima Dita, que tinha um vozeirão bem forte, puxava e todos acompanhavam.

– Ave Maria, cheia de graça... – e dizia ela, seguidamente, a primeira parte da ave-maria.

– Santa Maria, mãe de Deus... – respondiam os participantes, automaticamente.

Àquela altura, as crianças já estavam cansadas, pois ultrapassávamos mais de quarenta bolinhas do terço, quando as orações foram interrompidas por um barulhão que ouvimos no terreiro da vovó.

Os oito cachorros não paravam de latir e meu tio Augusto, que era metido a valente, resolveu abrir a porta para ver o que era. Foi quando um bicho peludo e enorme, com uns dois metros de altura, correu na direção dele. Augusto tinha uma espingarda nas mãos, mas quem diz que conseguia dar o tiro? Correu para dentro de casa e tentava fechar a porta, mas o animal já estava ali, forçando para entrar. Era um lobisomem!

Cinco homens fortes seguravam a porta, e a besta, com uma só pata, quase os vencia. Minha avó era pequenina, mas muito corajosa. Pegou o terço e surrou o animal, que só assim se afastava.

Eu e o Zito, morrendo de medo, nos escondemos dentro de um guarda-roupa. Lá no quintal, todos os cachorros sumiram. Só depois da meia-noite ouvimos um estouro e o bicho foi-se embora.

Nem pudemos voltar para casa, dormimos todos ali mesmo, apertadinhos na cama junto com alguém ou até mesmo no chão, em cima de um cobertor. No dia seguinte, de manhã, sete dos cachorros da vovó reapareceram. Estavam escondidos no mato e eu entendi que eles também tiveram medo.

Só um não voltou, o Tililim, um vira-lingueta que eu adorava. Nós o encontramos morto lá no fundo do quintal, pois lobisomem o alcançou, abriu-o ao meio e sugou todo o seu sangue. Foi horrível!

Até hoje não entendemos o que foi tudo aquilo. Seria um lobisomem ou o diabo mesmo? Coisa boa não era, pois não gostou do terço. Acredite quem quiser...

Fases da vida

Eneli Benvenuto

Vivi muito feliz com meus pais e irmãos no sítio, onde a natureza era muito linda. Havia pássaros de várias espécies e cores, que cantavam alegremente todos os dias.

Ficamos morando no sítio durante 18 anos, junto com meus pais e irmãos.

Vimos para a cidade de Sorocaba, me casei e tive meu filho. Trabalhei como enfermeira na Santa Casa de Misericórdia, em Sorocaba.

Fiquei viúva, daí fiquei com meu filho.

Hoje moro em Salto, faz uns dois anos. Aqui fiz novas amizades. Me sinto muito feliz com esta nova fase da vida.

A vizinha

Eurídice Bautista

Zelinda era uma menina que gostava muito de brincar, todas as tardes, com seu irmão Joãozinho e com sua galinha carijó, seu animalzinho de estimação preferido. Brincava de fazer comidinha, com o irmãozinho fazendo de conta que se deleitava. Quando brincavam de casinha, Joãozinho fazia mudança com seu carrinho. Andavam de bicicleta, atrás da carijó, num extenso quintal, entre árvores, gatos, cachorros, galinhas e se divertiam muito.

À tarde a mãe arrumava a mesa e colocava um lanche para eles se deliciarem. Entre outros, esse era um dos momentos mais gostosos do dia. Sentiam o carinho da mãe naquele cheirinho bom de café, do pão quentinho com manteiga derretendo na boca, dos bolinhos de chuva e dos quitutes que ela caprichosamente fazia.

Ultimamente, porém, Zelinda estava muito brava. O fato é que havia se mudado para a casa ao lado uma menina cujo nome era Laura, e sua mãe começou a chamá-la de Laurinha. Ela gostava muito de papear com sua mãe e, há algum tempo, estava sendo convidada para o lanche da tarde. Zelinda não se conformava. Tinha que fazer alguma coisa para aquela intrusa se afastar. Até que o momento oportuno apareceu.

Certo dia, a mãe precisou ir rapidamente à costureira. Arrumou a mesa e falou para Zelinda:

– Quando Laurinha chegar, sirva o lanche.

Zelinda olhou para a carijó, que tranquilamente desfilava por seu quintal, e pensou: “Hoje ponho fim a tudo isso. Vou preparar um lanche especial”.

Na hora marcada, lá estava Laurinha com uma linda fita na cabeça, a perguntar:

– Cadê sua mãe?

– Hoje sou eu quem vai servir o lanche – disse Zelinda – Mamãe foi à costureira e pediu para lhe servir este pão.

– Hum... – fez Laurinha franzindo a testa e virando o rosto – mas tem um cheiro estranho – completou.

– É manteiga especial. Coma!

Laurinha até tentou, mas saiu rápido para sua casa e foi mostrar a sua mãe o tal “lanche especial” com o qual fora servida.

– Titica de galinha no pão!!! Qual o quê!

A intrusa, como Zelinda a chamava, imediatamente se afastou. Naquela tarde não teve carinho da mãe nem lanchinho gostoso... e Zelinda não se livrou de umas boas chineladas num bom lugar. A menina chorou e soluçou muito. Ficou de castigo, sentada no beiral da porta, observando a carijó parada do outro lado do terreiro a lhe piscar com seus olhinhos pequenos.

Depois daquele dia, a menina, aos poucos, foi compreendendo que amor de mãe é incondicional e que, para a mãe, Zelinda era muito especial.

Desencaixotando Helena

Helena Barbosa

Já eram quase cinco da tarde, quando Helena entrou no consultório médico do Dr. Joaquim. Ela não havia agendado um horário para consultar o cardiologista, então, sentou-se no sofá de três lugares na entrada do consultório, à vista da secretária.

Helena estava um pouco nervosa, pois fazia cerca de 13 anos que não encontrava Joaquim pessoalmente, e não imaginava qual seria sua reação ao vê-la ali, depois de tanto tempo.

A TV ligada transmitia um programa ao qual Helena não prestava a mínima atenção. Ela estava imersa em seus pensamentos, quando, subitamente, um homem pequeno, vestindo branco, cabelos negros, rosto marcado pelo sol, com um semblante sisudo, apareceu à sua frente... Era Joaquim!

Usando jaleco, máscara e com as mãos nos bolsos, ele ficou ali parado um tempo, fitando Helena que, imóvel, prendeu a respiração e arregalou seus grandes olhos castanhos. Passados uns cinco segundos, mas que para ela pareciam uma eternidade, Joaquim abaixou a máscara e perguntou:

– O que você faz aqui?

Helena, com um ar debochado, tentando esconder o nervosismo, mas com o coração disparado, respondeu:

– Ora, você me ligou, dizendo que estava com saudade de mim, já se esqueceu? Eu não atravessaria o Atlântico, se não fosse por uma boa causa. Mais do que depressa vim para acabar com sua saudade.

“Aliás, para bem mais do que você imagina” – pensou.

– Eu gostaria de conversar um assunto em particular com você, mas não pode ser aqui. Podemos conversar em outro lugar?

Dr. Joaquim, intrigado, perguntou:

– Agora?

Ainda sentada confortavelmente no sofá de três lugares, replicou:

– Sim.

Desconfiado, ele segurou o queixo por um segundo e disse:

– Tenho que atender mais um ou dois pacientes...

Sem titubear, ela disparou:

– Não tenho pressa. Posso esperar. Não tenho mais nada para fazer hoje. Estarei aqui quando você terminar.

A secretária, atônita, assistiu a tudo, calada.

Dr. Joaquim, nervoso, deu meia volta, fazendo esvoaçar o jaleco que vestia, e sumiu no corredor.

* * *

Já era noite quando Helena abriu a porta da casa de veraneio que guardava muitas lembranças dos tempos em que viveu ali. A casa ficava de frente para o rio que, àquela hora, refletia ao longe a luz da lua branca e limpa de uma noite que prometia ser longa.

Abriu as janelas e a porta da varanda e logo sentiu uma lufada de jasmim que vinha do lado de fora. Sua memória remeteu a treze anos atrás, quando conheceu Joaquim, e a como foi atraída por ele desde então. Apesar de não ficarem juntos, ele dizia que a amava como alguém ama uma deusa num pedestal. Então lembrou-se que teria de trazer Joaquim antes que o sonífero deixasse de fazer efeito.

Helena, habilidosamente, aplicara antes um sedativo para que Joaquim dormisse por algumas horas e, depois, estacionara o carro na garagem. Ninguém a veria arrastar seu corpo inerte que, apesar de pequeno, era bem pesado. Se bem que naquele local raramente transitava alguém àquela hora; mas se ele tentasse gritar... ela garantiria que Joaquim estava suficientemente amordaçado e que não conseguiria chamar por socorro.

Foram tantos anos esperando por esse momento, que era quase inacreditável que Helena havia conseguido alcançar aquele intento. Sim, Joaquim, estava ali, apesar de amordaçado e amarrado, ele, finalmente, era só seu!

Não era obsessão! Não era paixão! Era amor. E Joaquim também a amava... tanto era verdade que, depois tantos anos, ele a procurou, dizendo que sentia sua falta, e agora eles ficariam juntos pra sempre!

Colocou-o sentado numa cadeira e atou bem os nós, garantindo que ele não escaparia.

Estava esfuziante!

Por um momento sentou-se ao lado de Joaquim, fechou os olhos e pensou: "Ele nunca mais vai fugir de mim! Eu nunca mais vou ficar sem você, Joaquim. Nunca mais!"

Quando Helena abriu os olhos, Joaquim havia acordado e estava tentando se soltar das amarrações.

Ela, subitamente, levantou-se e deu grito de horror, que fez Joaquim congelar.

Ajoelhando-se em frente a ele, perguntou:

– Joaquim, olhe ao seu redor. Você não disse que sentia saudade de mim? Aqui estou. Eu trouxe você para o lugar onde nos conhecemos e onde poderíamos ter vivido nossos melhores dias. Mas, naquela época, eu não sei porque, você fugiu, dizendo que eu estava fantasiando, que eu estava perseguindo, *stalkeando*. Eu não sou louca, Joaquim! Foi você que me ligou.

– Helena, por favor, não confunda as coisas. Eu sempre disse que gostava de você, mas nunca imaginei que as coisas tomariam essa proporção. Sim, eu sempre fui seu amigo e sentia a sua falta. Sempre fomos amigos. Você me ajudou muito com os meus problemas pessoais, mas acho que confundiu tudo. Saiu de Borjas e veio até Limoeiro do Sul simplesmente por um telefonema? Olha tudo o que você fez e onde estamos. Me solte e eu não conto nada a ninguém.

Helena, incrédula, fez que não com a cabeça.

– Joaquim, se tudo isso o que aconteceu há 13 anos você diz que eu IMAGINEI, então, você vai aprender a nunca mais iludir uma mulher na sua vida, porque, se depender de mim, não vai sair daqui nunca mais! Como eu disse, posso ser tudo, mas louca eu não sou! Se você acredita em Deus, comece a rezar.

Exímia cirurgiã plástica, aplicou um novo sedativo em Joaquim, que dormiu como um bebê e, ao acordar, já não tinha mais os braços e pernas.

Festa de Setembro

Lilia Francischinelli do Prado

Adoro histórias de amor e costumo dizer que encontrei um amor em um dia qualquer, mas não, não foi um dia qualquer: lembro-me, com todos os detalhes, que era o dia 7 de setembro de 1963, na cidade Salto, onde tudo começou.

Mal tinha completado 18 anos e decidi ir à Festa de Setembro pela primeira vez, escondida de meu pai, um homem enérgico e controlador. Saí às pressas, assim que ele foi descansar depois da janta.

Nos anos 60, a Festa de Setembro era “o evento” da cidade. Todo mundo ia e várias famílias chegavam até a economizar o ano inteiro só para gastar na festa: nas barracas de jogos, na compra de roupas e objetos de decoração, nos ingressos para o parque de diversões... Era também um ponto de encontro da juventude da época.

Em meio a tudo isso, qual não foi minha surpresa?! De longe avistei um rapaz bonito: moreno, terno de linho amarelo e cabelo cortado à escovinha. Não pude perdê-lo de vista. Dei umas voltas com a amiga que me acompanhava, aprimei-me em minha saia plissada xadrez azul marinho, ajeitei o decote da blusa branca e passei por ele de novo. Ali estava meu grande amor, a pessoa que

mudaria minha vida para sempre.

Ele queria sair comigo, mas naquele dia não aceitei, fiquei com medo, pois não o conhecia. Dei-lhe uma canseira danada. Só nos encontramos novamente no mês seguinte, em 13 de outubro 1963. Naquele tempo não era permitido às moças de família passear todo domingo.

Outra dificuldade é que nós não tínhamos carro nem telefone. A situação era muito difícil, pois eu morava em um sítio muito distante do centro de Salto, no bairro Guatapendava, já em terras de Itu. Mas eu só pensava no rapaz chamado Roque. Estava encantada com sua cultura, com sua conversa...

Ele era apaixonado por leitura e cinema. Trabalhava à época como escriturário na Têxtil Assad Abdalla e fazia horas extras para podermos ir ao cinema. Encontrávamo-nos muito pouco, mas o pouco era fascinante! Desde o primeiro momento percebi que era um homem muito culto e sábio.

Namoramos por quase três anos e casamos em 30 de janeiro 1966. Nosso casamento foi um acontecimento, uma festa linda, como disseram as pessoas que compareceram. Fomos viajar para o Rio de Janeiro, o que, naquele tempo, era para poucos.

Depois que nos casamos, comecei a trabalhar como costureira para ajudar no orçamento doméstico, o que segui fazendo por 50 anos, mas aproveitávamos a vida, passeávamos muito e, nessa altura, já tínhamos nosso filho, Richard, mas arrumávamos tempo para viajar.

Os anos passaram... até que chegou um tempo em que ele já estava mais debilitado, mas tinha como distração a leitura. Para ajudá-lo, pois não saía mais de casa, eu ia à biblioteca de Salto a cada 15 dias e levava quatro livros para ele, que tanto gostava de ler.

Essa é uma parte da minha vida e é uma forma de homenageá-lo, pois prometi ao meu Roque que ele não seria esquecido. Vivemos juntos por 51 anos. Falecido para o mundo, está vivo em meu coração.

Um certo menino

Lusimar Naponucena

Era um pedaço de terra. Viviam nela como se fosse um pedaço de céu. Nela plantavam, colhiam, criavam e dali comiam. Dormiam e acordavam ao som do que nela existia. Até que os vizinhos que muito a desejavam, traiçoeiramente, fecharam a passagem para o rio onde davam de beber aos animais e, então, foram obrigados a vendê-la por pequeno valor para aqueles que a cobriçavam.

De repente, não havia mais céu, apenas os braços fortes de uma família que pelejava para sobreviver naquele chão ardente do sertão nordestino. Agora a vida era outra. Severino e Ana lutavam bravamente para criar seus seis filhos, até que o desgosto, a tristeza pela perda da terra onde não mais viviam, levou o progenitor da família.

Entre os seis filhos, Tião era um menino esperto, corajoso e cheio de vida. No pedaço de céu que antes existia, brincava e corria entre as árvores, se divertia com os bichos que por ali viviam, caçava e pescava. Aprendeu a contar e a ler com os mestres da pequena escola que ali havia. Se duvidasse, aqueles preceptores a quem tanto respeitava acertavam sua mão com a

dor da palmatória, para ficar bem claro que aquilo que aprendia era algo para sempre se lembrar.

Precisava ajudar a família e, então, não se esquivou. Guardou nas lembranças tudo o que podia e aceitou trabalhar em uma padaria. Saía de madrugada com seu irmão caçula, o Maneco. Trilhavam longos caminhos entre a mata, na escuridão da madrugada, apenas à luz da lua, que misteriosa fazia a sombra de seus passos e das árvores desenhar. Levavam consigo apenas grandes cestos, cheios de pães, para fazerem entregas nos vilarejos, em algumas mercearias.

As crianças daquela região vivenciavam medos e superstições da época. Maneco vivia a dizer naquelas noites:

- Tião, a mula-sem-cabeça nos acompanha.
- Ouço assobio do curupira por aqui.
- É noite de lua cheia, o lobisomem vem nos pegar.

O medo de Maneco era grande. Até que em uma madrugada Maneco, com a voz trêmula e as pernas bambas, pôs-se a falar:

- Corre, Tião, que os vultos querem nos alcançar!

Naquela madrugada havia algo de estranho. Maneco insistia muito que alguém estava a lhes acompanhar. Tião, com o pensamento na responsabilidade que carregava naquele cesto de pães sobre sua cabeça, a passos apressados, olhou desconfiado, mas ficou bravo e pôs-se a falar:

- Deixe de ser medroso! Não vê que nada há?
- Mas desta vez sinto que são salteadores que estão a nos acompanhar!

Tião pensou e percebeu que o perigo poderia ali estar. Apertaram o passo e, a cada passo, o medo de Maneco se agigantava. Logo perceberam em seu caminho

um casebre abandonado e ali se esconderam. Sem terem como se defender, combinaram de gritar:

– Não atira, Tião, você vai matá-lo!

– Atiro e mato quem em meu caminho passar!

Entre os gritos de atira e não atira, esqueceram-se da hora e dos pãezinhos que tinham que entregar. Se havia salteador não sei, mas o tardar daquelas entregas não garantiu o provento que a família estava a esperar.

Enxadas, foices e arados foram os brinquedos daquela infância que tão rápido se passara. Aquele menino cresceu, tornou-se homem e, com a mãe e os irmãos, em São Paulo veio trabalhar.

Deixou para trás Maria, uma morena de cabelos longos e ondulados, uma imagem linda para se admirar. Deixou com ela a promessa de que um dia iria lhe buscar. Aquela jovem o encantou e, em pouco tempo, voltou, casou e a trouxe para a cidade onde esperava seu sonho realizar.

Aprendeu fácil a subir paredes, erguer casas, construir prédios. Tirou daquele trabalho o valor necessário para comprar seu pedaço de chão. Era um pedaço pequeno, mas com o suor e a labuta, comprou mais terra e ali plantou, colheu, construiu casas, alugou e, assim, criou seus três filhos que, para braveza de Maria, no dia do pagamento, chegava tarde da noite e os acordava com doces, sorvetes ou salgadinhos diversos, apenas para os filhos mimar.

Teve pouco aprendizado, mas fez questão de esquecer o excesso da palmatória e, no grupo escolar, fez questão de seus filhos matricular. Educou seus filhos e ensinou-lhes a importância de batalhar para seu sonho realizar.

Agora o problema era outro. Boitató, curupira e lo-

bisomem eram histórias que ele nem se lembrava mais. Na cidade onde vivia, não mais havia sombras de árvores que o perseguiram. O perigo era real. Homens de fato perseguiram outros homens para lhes tirar o sustento que, com muito trabalho, todo mês conseguiam ganhar.

– Me passa tudo! – ordenou o larápio, mostrando uma arma em sua mão.

Indignado e sem poder deixar aquele ser levar o salário do sustento de sua família, Tião, em um golpe rápido, o desarmou, rolou no chão, diante de muitas pessoas que olhavam assustadas, mas sem coragem de atacar aquele bandido que apareceu armado. Apanhou, bateu e enfrentou, vitorioso, aquele salteador que se pôs a correr.

Aquele era um homem corajoso. Se sentiu algum medo, esqueceu na infância, quando teve que largar seu mundinho de criança.

Os dias agora eram outros. Vivia em um lugar que achava perigoso. Mas, mesmo assim, apaixonou-se por essa cidade. Gostava de seu comércio, onde tudo se encontrava, e da diversidade de pessoas que ali transitavam. Se queriam encontrar uma rua em São Paulo, logo perguntavam ao Tiãozinho que de pronto lhes falava: “Desce e vira ali, pega tal ônibus que logo irá chegar”.

Viveu em São Paulo por muitos anos. Hoje já não vive mais. Mas deixou para seus filhos muitas lembranças de sua existência: os bons exemplos de uma pessoa batalhadora, honesta que, em sua simplicidade, plantou o pensamento de que viver é construir seu próprio pedacinho de céu.

João, o português

Malu Ribeiro

Conto, com tristeza, os fatos que se passaram na vida de João, o português, lembrando tudo o que aconteceu nas mãos de quem achava ser amigo. Foi traído por ser correto e falar o que sentia. Ele não mandava recado... e isso incomodou algumas pessoas que, no momento oportuno, agiram.

João era um homem simples, de família muito conhecida na cidade. Tinha um coração grandioso, bondoso. Filho mais velho, ajudou a cuidar de seus irmãos quando sua mãe ficou viúva ainda muito nova.

A menina Malu o conheceu! Conversaram várias vezes... e ele contou a sua história, que também repercutiu pela cidade, pois tudo o que acontecia todo mundo ficava sabendo.

Ele trabalhava em uma indústria têxtil e ali começou a trama para incriminar João e um amigo. Foram acusados de roubo!

O ódio era tanto que queriam se vingar e realmente se vingaram.

Tudo se voltou contra eles. João chorava, desesperado, pois ninguém veio em seu socorro. Até um advogado, que se dizia seu amigo, negou-se a ajudá-lo. Não

quis pegar o caso. E eles foram condenados.

A pena foi atenuada pelo direito a sursis, mas eram obrigados a se apresentarem todo mês diante do juiz.

Depois disso, sua vida mudou: perdeu todos os direitos sobre nove anos de trabalho naquela empresa. Abraçou serviços pesados, mas tocou a vida pra frente. Reteve as lágrimas, e dor ele guardou em seu coração.

Nunca mais o vi chorar nem falar sobre esse assunto, pois nunca perdeu a esperança de dias melhores. Lembro-me de tudo isso, que foi contado para mim. E ficou a grande saudade de meu querido e velho amigo João, o português.

Tamanho família

Margarete Reis Martins

Pássaros é uma cidade pequena, tranquila, boa de se morar. Possui uma posição geográfica privilegiada: está a 40 minutos de grandes centros comerciais, cidades importantes do Brasil; identifiquei quatro grandes centros, sem falar de São Paulo, que está muito próxima também. A cidade pertence a uma região desenvolvida do País, área de excelentes acessos e possibilidades.

Em Pássaros e região, o filé à parmegiana pode ser considerado um prato típico, fazendo parte da cultura do lugar. Pássaros e as outras do entorno são cidades turísticas e atraem muitos visitantes para os restaurantes que servem esse tipo de filé. Vêm para comer essa iguaria no Bar do Português, o mais famoso da região. É uma delícia... é muito caro, mas uma delícia!!!

Na verdade, já estou até enjoada do tal do filé, pois ele está no cardápio de todos os restaurantes, em cada cantinho de Pássaros você pode saborear o filé, até nas marmitex.

Renato deu um apelido ao filé à parmegiana: ele o chama "Básico", mas é um básico que ele adora e o descrevia de forma a dar água na boca de qualquer um:

– O filé é mignon, bem suculento, empanado, frito,

coberto com muito molho e, por cima, o queijo parmesão. Vem acompanhado das batatas crocantes e do arroz branquinho, hummm!!!

– O que vai almoçar hoje, Renato?

– Eu e a Adélia vamos comer um “Básico”. Recebi minha aposentadoria... hoje será no Bar do Português ou no Linotu, que serve muito bem.

Renato tem quase 70 anos e gosta de comer tudo do bom e do melhor, mas as taxas de colesterol e a pressão não estão bem, tem que se conter, cuidar da qualidade da alimentação.

Adélia, sua esposa, se preocupa. Busca fazer, no dia a dia, refeições mais equilibradas e saudáveis: grãos, frutas, legumes orgânicos... Ele não acha muito bom, mas tem que se habituar à nova forma de se alimentar.

Em alguns dias da semana ela não prepara as refeições, porque participa de alguns projetos. Eles ficam felizes: ela participa das atividades que lhe agradam e ele almoça o que gosta.

Renato não sabe cozinhar, mas logo soluciona a situação:

– Fique tranquila, Adélia, participe de seus projetos e cursos, são só alguns dias da semana. Agora, que a pandemia está mais equilibrada, aproveite as oportunidades. Para o almoço, eu peço uma marmitinha em algum delivery de Pássaros.

Ele buscou conhecer todos os restaurantes da cidade que serviam o filé à parmegiana, sabia dizer qual era o melhor, o mais suculento, ao qual acompanhava a batata mais gostosa, o arroz mais soltinho... se deliciava!!!

Em uma tarde Adélia chegou em casa e Renato, emocionado, contou:

– Sabe aquela reforma que estão fazendo ali na

esquina?

– O que você descobriu?

– Será um restaurante chamado “O Fazendeiro” e servirá, principalmente, o filé à parmegiana.

Ele acompanhou todos os detalhes antes da inauguração do restaurante, dia a dia, contava os minutos, quando dobrava a esquina já imaginava... parecia saborear em pensamento o filé. Sentia o cheiro, o gostinho, a crocância das batatinhas, o arroz e o molho.

Chegava em casa e contava tudo para a Adélia:

– Hoje terminaram a pintura.

– Hoje já colocaram a iluminação.

– Hoje arrumaram a varanda com plantas.

Finalmente a inauguração aconteceu.

Renato disse a Adélia:

– Agora só vou consumir o filé de “O Fazendeiro”. Lá é diferente, é o melhor da cidade. Será somente em alguns dias na semana e eles têm a porção que eu preciso. Estabeleceu-se a rotina, tudo resolvido.

De repente, algo mudou naquela semana: a mulher teria um evento no domingo. O marido disse incentivando-a:

– Vá, Adélia, ao seu evento; dou meu jeito. O restaurante novo está aí, não vou ficar sem almoçar.

Domingo quente, ensolarado. Bem cedo todos de pé.

– Vou indo, Renato, está na hora – disse Adélia.

– Vá, aproveite o evento.

– Fique bem e se cuide.

– Pode ficar tranquila, querida, vou ficar muito bem.

Ele resolveu cuidar do jardim, lavar o carro, cuidar dos gatos, tomou um banho e olhou para o relógio... era meio-dia e meio. Pensou: “boa hora para ir ao O Fazendeiro”.

deiro pegar meu Básico. Peço aquela porção menor do cardápio, para mim estará bom, é bem servida”.

Chegando ao restaurante, dirigiu-se à recepcionista e fez o seu pedido.

– Por favor, vou querer o filé à parmegiana individual, apontando o item no cardápio.

– Senhor, sinto informar-lhe, mas não fazemos o item individual aos domingos, somente o familiar para três pessoas ou mais.

Aquelas palavras soaram como uma punhalada em seu coração. Ficou sem voz, paralisado, garganta seca, tentou argumentar com a moça:

– Hoje estou sozinho em casa, a porção para três é muito grande... você pode falar com o gerente para preparar a porção individual? Sou cliente assíduo.

Sem solução, nada foi mudado. Eles não tiveram interesse em atendê-lo com uma porção menor.

Saiu decepcionado. Deprimido, dirigiu seu carro de volta para casa. Preparou seus ovos mexidos, sua massa com frutos do mar (macarrão com sardinha), enquanto refletia sobre a situação:

“Como isso é possível, em uma sociedade moderna? Essas empresas não percebem que existe a possibilidade de as pessoas passarem um domingo sozinhas? Dessa forma nunca poderemos comer nosso Básico aos domingos... nada democrático! ”

Indignado, começou a falar sozinho:

– É inadmissível que se estabeleçam novos negócios que não se alinham às necessidades dos diferentes consumidores. Hoje as pessoas optam por estarem sozinhas por n motivos... Só porque querem ou porque têm necessidade. São necessários serviços individuais que se encaixem nesse perfil. Eu não sou o único!!!

Enfim, Renato foi obrigado a buscar outras opções para seus almoços, pois Adélia continua a participar de seus eventos aos domingos. Afinal de contas, eles querem acompanhar a modernidade da sociedade, e não ficam para trás.

O fogo chegou

Maria de Lourdes Andrades Pereira

Naquele dia Josias estava em casa, com a cara enfiada no jornal, vendo notícias e marcando em seu mapa a previsão do tempo. Foi quando sentiu um cheiro de queimado.

Achou estranho e foi até a cozinha para ver se sua esposa Isabel havia esquecido algo no fogo. Mas, ao passar pela sala, a janela estava escurecida. Engoliu em seco ao ver fiapos de cinzas pendurados e dançando na beira da janela. Ao sair de casa, foi recebido por um denso nevoeiro escuro e fedendo a queimada.

Aquele cheiro não saíria dos cabelos, das roupas, da pele e de seu pensamento tão cedo.

Mesmo de longe o calor chegava a queimar seu rosto e a fumaça irritava seu nariz, enquanto via o clarão alaranjado no horizonte. Ele ainda não havia entendido o que estava acontecendo, mas logo veio a certeza sobre o tamanho da tragédia.

Que tristeza! O fogo era na mata próxima de sua casa... no mesmo lugar de onde viera tantas vezes a brisa que refrescava a casa, de onde se ouvia o canto dos pássaros, o coaxar dos sapos e o trilar dos grilos... Chamou os bombeiros. Foi só o que lhe restou fazer.

A flor que reencontrei

Maria Gasparini

Meados de 1958.

O tempo transcorria calmo e suave, como se não tivesse pressa. Nessa época vivia eu com minha família em uma casa grande. Ao lado da casa, uma horta, o quintal imenso... e, chegando ao fundo, tinha um pomar. Na frente da casa, uma varanda e um jardim multicolor, porque tudo se plantava, não se estabelecia uma regra e, quando se ganhava uma muda de flor, ela tinha seu lugar no jardim. As mulheres trocavam mudas de flores, era assim que vivíamos.

De brincadeira em brincadeira, com pressa que o tempo passasse rápido, mas o tempo teimava em não passar. O Natal demorava a chegar e o dia do nosso aniversário não chegava nunca! Lembro que minha mãe falava "hoje você faz ano" e não precisava de mais nada pra ser feliz. Tudo era gostoso, não se cobrava nada de ninguém, só isso bastava.

Lembro-me de um ano em que, quando fiz ano, minha mãe fez em uma pequena panela de pipoca só para mim. Que alegria! Não tanto pela pipoca, mas pelo zelo da minha mãe, mama como a chamava, afinal era o dia de eu fazer ano.

No jardim em que tudo se misturava tinha enormes latas com flores plantadas e a beleza estava nas flores, e não nos vasos como hoje. As latas se desmanchavam com a ferrugem que chegava com a ação do tempo, mas as flores não se perdiam.

Entre todas essas flores tinha uma especial, linda, que não tinha nome. Eu e minha mãe conversávamos sobre ela, era a preferida da minha mãe e eu passei a gostar da flor porque minha mãe gostava. Ela floria uma vez ao ano e, depois, deixava uma linda folhagem verde quase todo o resto do tempo; quando as folhas amarelavam, entrava o tempo de dormência para se reproduzir. E assim o tempo ia passando lento. Ouvia-se até dos adultos: “o tempo não passa, fim de ano não chega”.

Mas um dia o tempo resolveu acelerar: ficamos adultos, a casa já não era mais a mesma, era uma casa menor. Irmãos se casaram, outros partiram... A vida passava veloz e chegou o dia em que meus pais também partiram. Aí a flor se perdeu.

Continuou o tempo correndo e já não se via mais o tempo passar, só a saudade imensa de todos, principalmente dos meus pais. A flor perdida ficou registrada em minha memória.

Já em minha vida adulta, casada e com filhos, comecei a procurar a flor da minha mãe. Aonde ia olhava os jardins das casas, quando ia a alguma flora, até por outros motivos, procurava pela flor, mas nem sabia explicar como era, ninguém a conhecia, mas eu não desistia.

Até que um dia, estava eu na rua e, ao voltar pra casa, entrei pelo corredor lateral. Passando a lavanderia, bem na porta da cozinha, me deparei com um pequeno vaso de plástico preto e lá estava ela: a flor da minha mãe aberta!

A emoção tomou conta de mim. Parei para contemplar a flor tão procurada, sem entender o que acontecera. A imagem da minha mãe, clara e nítida, me veio à minha mente. Chamei às pressas minha irmã, que me ajudava nos afazeres domésticos, e perguntei:

– Ana! Quem trouxe essa flor?

E ela, calmamente, me respondeu:

– Foi seu vizinho, o Roque.

Mil perguntas brotaram na minha cabeça e nenhuma resposta. Minha irmã não sabia da busca pela flor, por isso respondeu tão calmamente. E o Roque?! Eu nunca comentei com ele dessa flor, mesmo porque não sabia descrever...

Mais a tarde fui até a casa vizinha para agradecer e ele simplesmente me disse:

– Eu sei que você gosta de flor, achei bonita e trouxe para você.

Agradei e saí sem dizer nada.

Agora a flor tem dois nomes: flor da mãe e flor da nonna, já que a família inteira a chama assim.

Uma longa jornada

Maria Helena Croon Magnusson

Minha história começa muito longe daqui e as coisas de que me lembro são por meio do que ouvi durante a minha infância.

No ano de 1949, minha família tomou a difícil decisão de migrar para o Brasil.

Morávamos em um país chamado Holanda e, nessa época, o cenário político-econômico não era dos melhores, pois vivíamos anos de pós-guerra. Tempos muito difíceis, não preciso nem dizer!

Éramos sobreviventes e queríamos recomeçar em um local que nos inspirasse mais esperança... esperança de uma vida melhor!

A bordo, meus pais, irmãos, eu, objetos pessoais, mobília e nossos sonhos. Foram três meses de viagem até desembarcarmos do navio em Santos.

Ao desembarcarmos, minha família pôde fazer parte do início da construção da colônia Holambra. Passamos por várias fazendas, cuidando de gado, pois era esse o ofício do meu pai em nosso país de origem. E assim a vida seguiu até nos instalarmos na cidade de Salto.

Somos imensamente gratos a esse país que nos acolheu e nos proporcionou a oportunidade de recome-

çarmos.

Sou cidadã holandesa, porém tudo de mais valioso encontrei neste país, mais especificamente na cidade onde resido até hoje, Salto.

Posso dizer que valeu muito a pena!

Primeiro dia de aula

Maria Ramos Gomes

Levantei de madrugada para o primeiro dia de aula. Era o ano de 1966. O cheirinho de café passado no coador de pano recendia na casa inteira. Saborear aquele café junto com o pão caseiro que a minha mãe fez, assado no forno de barro... A forma: folha de bananeira! E o queijo, o requeijão... Ainda hoje, ao lembrar, parece que estou revivendo aquele momento, sentindo o cheiro e o gosto daquelas delícias feitas com tanto capricho por ela.

Enquanto tomávamos o café da manhã, meu pai e tio Luís arreavam os animais. Luizinho, meu primo, só montava a égua branca, enquanto eu montava o cavalo "turdio" e levava minha irmã Elena na garupa.

Morávamos na região de Guararapes, interior de São Paulo, no Sítio Santa Clara, e fomos estudar na escola da Fazenda Bom Sucesso. Apostamos corrida até a escola. Quanta alegria, timidez, nervosismo, um monte de sentimentos! A alegria era mais por sair de casa do que aprender a ler ou escrever. Os risos eram pela liberdade. Ah, o gosto da liberdade...

Nunca me esqueci: no caminho havia uma árvore enorme de jenipapo e, mais à frente, outra árvore, tão

grande quanto, de tamarindo. Quantas lembranças, que saudade... me emociono ao lembrar...

Ao chegar na escola, amarramos os cavalos nos mourões da porteira. O estabelecimento era cercado de arames e rodeado por várias plantas. Era uma casa branca, pequenina e muito limpa, com as janelas e portas azuis, num tom bem escuro.

Quando fomos chamados para formar a fila, vi pela primeira vez a minha professora. Era uma senhora morena, alta, cabelos pretos... e apresentou-se:

– Sou eu que lhes vou ensinar, me chamo Maria Inês!”

Todos em fila, entramos. Que interessante foi saber, pela primeira vez, o que era uma sala de aula, linda aos meus olhos. Não se usava uniforme naquela época nem mochila escolar. Levava os materiais num embornal, uma sacolinha com alças longas, que minha mãe fazia com retalhos de tecidos, e a usava cruzada no pescoço.

Já na sala de aula, fiquei envergonhada quando a professora Maria Inês disse meu nome para responder a chamada. Que dificuldade para responder: “presente”, pois nunca tive vez ou voz para falar ou opinar qualquer coisa em casa. Tudo era novidade para mim. Lembro-me dela com seu avental, que lindo! Escrevendo ou fazendo os desenhos na lousa. Foi um encantamento.

No recreio, comemos a merenda da escola, feita por nossa merendeira, dona Vera. Conhecemos também a “moça” da limpeza, dona Benedita. Fiz novos amigos, além dos já conhecidos e, juntos, brincamos muito no recreio: Nilcéia, Néia, Joana, Gilda, Pedro, Joaquim, João Carlos... Ainda hoje lembro-me do rosto e do riso de cada um, brincando de roda, de esconde-esconde, balança caixão, passa anel.

Encerrado o horário na escola, pegamos nossos cavalos e seguimos novamente pela estrada. Ah, nunca me esqueci daquele caminho, daquela árvore de jenipapo, do cheirinho diferente da fruta e da grande árvore de tamarindo. Essas árvores, esse caminho, essas lembranças não se apagam.

Ao chegar em casa, lá do terreiro, senti o cheirinho gostoso da comida feita no fogão a lenha por minha amada mãezinha, dona Rosa, uma mulher muito, muito sofrida, mas que, mesmo em meio a tanto sofrimento, fazia tudo com amor.

Lembranças afetivas que não se apagam jamais da minha memória e do meu coração.

Minha primeira bisneta

Marta Fernandes Caceta

O ano era 2012. Para ser exata, era dia 15 de março de 2012, quando nascia minha bisneta, que levou o nome de Maria Clara. Estávamos todos ansiosos com sua chegada quando, de repente, minha filha veio toda nervosa ao nosso encontro na sala de espera, comunicando que a bebê estava na incubadora, pois nascera com um problema de saúde.

Feito o exame do pezinho, foi confirmado que ela tinha uma doença rara, síndrome de Edwards, também conhecida como trissomia 18. Trata-se de uma doença genética muito rara que provoca malformações graves. Foram três meses de luta para minha neta Bianca, que tinha de ir duas vezes ao dia até o hospital para tirar leite e amamentar a filha.

No dia 5 de julho daquele ano, quando a imagem de Nossa Senhora Aparecida estava visitando as paróquias da cidade, todos da família fomos à missa para participar, receber nossa Mãe Aparecida e pedir a ela que nos livrasse do sofrimento.

Sáímos da missa e eu fui levar a minha neta para ver a pequena Maria Clara. Chegando lá, o médico disse para minha neta:

– Se você tem fé e acredita em Deus, reze, porque sua filha não está bem.

Ela voltou para o carro, onde eu a esperava. Estava muito nervosa, chorando e me disse:

– Vó, vamos buscar o Jonatan para dormir em casa, porque o médico disse que a Maria Clara não passa desta noite.

Quando eram 3 horas da manhã do dia 6 de julho de 2012, recebemos uma ligação do hospital, comunicando que Maria Clara tinha falecido.

Foi uma experiência muito triste perder minha primeira bisneta, mas a vida seguiu. Depois de quatro meses, Bianca engravidou de novo... e chegou Alice, linda e saudável! Cinco anos depois, nasceu Sofia. E hoje, 16 de novembro de 2021, estamos ansiosos pela vinda de Eloá e felizes por mais um nascimento em nossa família.

O vestido vermelho

Sonia Santos

Marina não imaginava que sua vida fosse mudar tanto quando saiu de São Paulo e foi morar na cidade de Primavera. Perdera sua mãe, por isso foi morar com seus avós maternos. O pai já havia abandonado a família há muito tempo.

Era uma triste situação, pois, além órfã, Marina teve que se separar de seus irmãos. Ela era a segunda de cinco filhos.

Seus avós ficaram felizes com sua chegada. Sempre diziam a ela:

– Você trouxe alegria para nossa casa!

O tempo passou... e Marina, aos 17 anos, foi trabalhar numa loja chamada Myrus Calçados. No começo foi difícil, mas com boa vontade e paciência, ela foi aprendendo a lidar com as dificuldades.

Com o passar do tempo, conquistou a atenção de seus colegas de trabalho, sendo muito querida por todos. Aos finais de semana, encontrava-se com os amigos e saíam para curtir a noite na cidade de Primavera. Aos domingos, a turma costumava encher uma cesta com frutas, sanduíches e refrescos para fazerem piquenique no jardim da cidade. Lá eles jogavam conversa fora,

inventavam várias brincadeiras e se divertiam a valer! Quando a comida acabava, voltavam para casa felizes e revigorados.

Marina levava uma vida assim, simples, tranquila e divertida. Até que...

Era um dia lindo de verão, o final do ano ia se aproximando, as vendas da loja estavam aumentando e Marina, como sempre, era muito dedicada ao trabalho: além das vendas da loja, também atendia no caixa, nos pacotes, na arrumação do estoque, enfim, no que precisasse. Ela era pau para toda obra, como diziam os colegas de trabalho.

Naquele dia, estava atendendo um cliente no caixa quando levantou os olhos e viu um rapaz se aproximando. Ao terminar o que estava fazendo, o rapaz veio ao seu encontro.

– A senhorinha pode me atender?

Ela achou graça no jeito de ser abordada.

– Estou aqui para isso. Em que posso lhe ajudar? – disse ela, ainda sorrindo.

– Eu preciso de um par de sapatos pretos. Poderia me mostrar alguns modelos?

– Com prazer. Poderia me acompanhar até a vitrine?

– Permita-me apresentar-me: sou Arthur. E a senhorinha?

– Marina. Muito prazer.

– O prazer é todo meu em conhecê-la pessoalmente, já que de vista lhe conheço há algum tempo.

Marina levou-o até a vitrine, e mostrou os modelos na cor que o cliente pedira.

Ele escolheu dois modelos que gostou, no número 42.

– Sente-se, fique à vontade – disse ela, dirigindo-se ao estoque. Respirou fundo e sentiu que algumas gotas de suor lhe brotavam na testa.

– Aqui estão. Quer que eu lhe ajude a calçá-los?

– Oh! Não. Eu faço isso. Só quero que você me dê a sua opinião.

Marina o ajudou a escolher um par de sapatos, e ele ficou feliz. Ao sair da loja, agradeceu, dizendo:

– Você é uma pessoa adorável. Ainda vamos nos ver muitas vezes.

Uma ternura imensa invadiu o coração da moça.

Depois desse dia, uma inquietação tomou conta de seus pensamentos nas idas e vindas do trabalho. Mesmo sem querer, o procurava por todos os lugares. No fundo queria conversar com ele, saber das coisas que gostava e descobrir o que aquele rapaz tinha de tão especial que a encantou. Ela sentia sua falta, mas Arthur sumiu.

A agitação do Natal passou... e Marina estava triste.

Quando voltou ao trabalho, sua rotina na loja estava mais tranquila. O ano já estava no fim, faltavam poucos dias para o novo ano... e Arthur apareceu! Quando menos esperava, lá estava ele esperando por ela no final do expediente.

– Olá, Marina! Como passou o Natal?

– Bem, disse ela. E você?

– Meu Natal foi triste longe de você! Eu viajei. Fui visitar minha mãe, que há muito não via. Mas voltei para passar o ano-novo com você.

– Como assim? – disse ela, sentindo um frio percorrer a espinha – desculpe, mas não posso aceitar o convite de alguém que eu mal conheço.

– Eu lhe conheço bem, sei muito de você, sei que

não tem compromisso com outra pessoa, e isso basta. Nós temos uma vida inteira para nos conhecermos. E agora? Aceita meu convite? Na verdade – disse Arthur – hoje vim para lhe fazer uma pergunta: quer namorar comigo? Ser minha noiva? Quer se casar comigo?

Marina quase teve um treco!

– Nossa! Assim, tudo de uma vez só?

– Para que perder tempo, se eu já sei que você é a mulher da minha vida?

E então... Marina o abraçou, e sentiu que ele era o homem que sempre quis encontrar.

A partir de então, eles passaram a se verem todos os dias, e se sentiam muito felizes na companhia um do outro. Na antevéspera de ano-novo, Marina o encontrou com uma linda caixa de presente nas mãos.

– É um presente para você, minha querida. Vim lhe convidar para uma festa de Réveillon. Gostaria que você usasse este presente.

Marina pegou a caixa, agradeceu e aceitou o convite para a festa.

Quando chegou em casa, abriu a caixa e ficou deslumbrada. Era um lindo vestido vermelho, que lhe caiu como uma luva! Arthur acertou na cor e no tamanho.

No dia da festa, a jovem estava linda. Ao encontrar Arthur, ele ficou encantado ao vê-la no vestido vermelho.

– Você está muito bonito nesse terno cinza – disse Marina, carinhosamente.

– E você é a mulher mais bela que já vi! – respondeu Arthur.

Ele ofereceu o braço a ela, e saíram felizes para curtir o momento.

A festa foi em um restaurante chique e acolhedor, que ficava numa avenida, no centro da cidade de Prima-

vera.

O casal adorou o lugar, bastante movimentado, mas para Marina e Arthur só existiam os dois. Assim, eles passaram juntos os melhores momentos de suas vidas.

Já de madrugada, na saída do restaurante, ouvia-se uma música, vinda de algum lugar da vizinhança: "Love is a many splendored thing". Então, ao som de Ray Conniff, eles se abraçaram e dançaram em plena avenida, onde foram aplaudidos pelos moradores da rua.

E assim, a vida os ensinou a viver um amor de verdade. Era como se um estivesse à espera do outro, para se completarem.

E, como toda história de almas gêmeas termina, eles foram felizes... para sempre.

Paixão de Carnaval

Sueli Tarossi

Era 1984. Elenita convidara sua melhor amiga, Ana Maria, para passar o Carnaval em sua terra natal, Passaredo, uma cidadezinha do interior, rodeada de sítios e fazendas. Ana Maria, moça alegre, cheia de vida, aceitou de pronto.

Ana Maria viajou de trem e, na estação de chegada, implicou com algumas crianças que corriam pra lá e pra cá, fazendo algazarras.

– Vão brincar em outro canto, estão atrapalhando nossa conversa – disse Ana Maria com tom de voz alterado.

Elenita, professora acostumada com crianças, falou para a amiga:

- Calma, Aninha, são só crianças brincando.
- Que vão brincar pra lá! Essa gritaria me irrita.

Apesar disso, a chegada em Passaredo foi cheia de alegria e festa, afinal Elenita não via seus parentes há muitos anos.

Elenita apresentou seus parentes à amiga. Um dos primos – Gilberto – chamou bastante a atenção: moço bonito, olhos verdes, simplório na verdade, tipicamente um rapaz do campo.

– Gilberto, essa é minha amiga Ana Maria – disse ao primo.

– Moça bonita! – Exclamou, olhando nos olhos dela. Ana Maria estremeceu e sentiu que também havia atraído a atenção dele.

Os três conversaram, e Gilberto as convidou para um passeio à noite na única praça da cidade, onde haveria uma banda tocando marchinhas carnavalescas.

Elenita disse que não iria, mas Ana Maria aceitou. Antes do encontro ficou se perguntando: “Por que fiquei tão entusiasmada com esse moço? Eu, uma moça da cidade... que motivo tenho para ficar interessada num rapaz simplório como ele?”

Próximo da hora do encontro, Ana Maria estava ansiosa: “Que roupa usar? Como me comportar? ” Pensava ela, já que tinha fama de assanhada e namoradeira. Ficou com receio de que o rapaz pensasse que não era uma moça direita, mas nunca sentira nada igual por alguém. Nunca se preocupara com a opinião dos outros. Então, logo pensou: “vou ser o que sempre fui; ele que pense o que quiser”.

Na praça, o som da banda já rolava solto:

“Onde está o dinheiro?

O gato comeu, o gato comeu

Que ninguém viu...”

Ana Maria, que gostava muito de músicas alegres, começou a se sacolejar ao ritmo da música, enquanto Gilberto, sentado no banco da praça, a admirava. Depois de alguns minutos de sacolejos, a moça sentou-se ao lado dele, que disse, olhando em seus olhos:

– Gosto muito desse seu jeito.

– Que jeito? – Questionou Ana Maria.

– De não ter vergonha.

Ela sorri e disse:

– Quer dizer que sou sem-vergonha?

Ele, todo sem jeito, respondeu:

– Não, não é isso. Gosto desse seu jeito alegre.

Ela fixou o olhar nos olhos dele e retribuiu o elogio:

– Eu também gosto muito desse seu jeito mais quieto, tímido.

Gilberto pegou na mão dela. Ana Maria sentiu seu coração disparar e um beijo ardente aconteceu.

A paixão explodiu entre eles, mas chega o dia de Ana Maria voltar para sua cidade, com a promessa de se verem novamente, e assim aconteceu.

Às vezes Gilberto ia até a cidade de Ana Maria, às vezes Ana Maria viajava até a cidade de Gilberto. No entanto, com o passar dos meses, a distância tornou-se um problema, embora continuassem apaixonados. O tempo foi passando, eles foram se distanciando... até não se verem mais.

Sem um adeus que tivesse posto fim àquele romance, Ana Maria pensou em procurar Gilberto. Apesar de vários meses sem notícias, continuava com ele na cabeça e precisa saber se ainda sentia algo por ela.

Elenita chegou com uma notícia do primo.

– Aninha, Gilberto está de casamento marcado com uma moça de Passaredo.

– Como pode fazer isso? Em tão pouco tempo? – Questionou Ana Maria, um tanto atordoada – Dizia que eu era a mulher da vida dele...

E saiu da sala para que Elenita não percebesse a decepção e a tristeza em seus olhos cheios de lágrimas.

Apesar de ter, realmente, se casado, Gilberto sempre procurava notícias de Ana Maria com Elenita.

Os anos se passaram e ela conheceu outro rapaz –

Jairo, gentil e educado – com o qual se casou, mesmo com Gilberto ainda rodeando seus pensamentos.

Elenita, às vezes trazia notícias de Gilberto:

– Aninha, Gilberto perguntou de você.

O coração de Ana Maria parecia que ia sair pela boca, os olhos brilhavam, mas ela disfarçava, para que a amiga não percebesse sua felicidade em saber que ele ainda pensava nela. Afinal, agora era uma mulher casada.

Trinta anos se passaram e, no dia 1º de janeiro de 2014, Ana Maria decidiu que precisava falar com Gilberto. Por meio das redes sociais, conseguiu o número do celular dele e enviou uma mensagem sem se identificar. Só para confirmar se aquele telefone era dele mesmo. Trêmula de nervosismo, escreveu:

– Esse celular é do Miguel?

Ele respondeu imediatamente:

– Não, meu nome é Gilberto e eu não conheço nenhum Miguel.

Ela agradeceu e disse:

– Feliz ano novo.

Ele retribuiu.

Na semana seguinte, Ana Maria decidiu que vai falar com Gilberto e se identificar:

– Você é o Gilberto, primo da Elenita?

– Sim.

– Sou a Ana Maria, se lembra de mim?

– Nunca esqueci minha primeira namorada, a mulher da minha vida.

Ana Maria ficou em choque, não imaginava que a primeira conversa fosse assim, tão calorosa. Até pareceu que ele percebera, pois interrompeu a conversa, dizendo:

– Falo com você uma outra hora, estou trabalhando. Tchau.

Ana Maria deu graças a Deus, pois não saberia como continuar aquela conversa.

Aquelas palavras tocaram seu coração e, por um momento, esqueceu que era casada e sentiu vontade de reviver aquela paixão do passado, mas, pensando melhor, decidiu não o procurar mais.

Dezenove de fevereiro de 2014, já era noitinha, Ana Maria estava lavando as louças do jantar, quando ouviu o som de mensagem no celular.

Era ele, Gilberto, ela tremeu, pois Jairo estava em casa. A mensagem dizia:

– Boa noite. Preciso ver você. Se concordar, vou até sua cidade na terça-feira de Carnaval e almoçaremos juntos, você escolhe o lugar. Fico esperando retorno seu, tchau.

Naquela noite Ana Maria não conseguia pegar no sono, pensativa. A mesma pergunta de 30 anos atrás veio à cabeça: “O que ele vai pensar de mim? “. A resposta foi a mesma: “Pense o que quiser”.

Agora, porém, a situação era outra e muitas dúvidas rodeavam a cabeça de Ana Maria: “E se a paixão da juventude explodir novamente? Tenho um bom marido, bons filhos, não posso pôr isso em risco”.

Mesmo com muito receio do que poderia acontecer, marcou o encontro. Afinal, que mal poderia haver em duas pessoas que não se veem há muito tempo almoçarem juntas? Mal nenhum, conclui.

4 de março de 2014, terça-feira de Carnaval.

Ana Maria foi até o local combinado: um restaurante simples, na cidade vizinha. Não queria correr o risco de ser vista por algum conhecido, almoçando com um

homem estranho.

Ele já esperava por ela. Por um momento pensou em voltar para trás, mas resolveu entrar. Gilberto, ao avistá-la, foi ao seu encontro. Um abraço emocionado e ele falou em seu ouvido:

– Faz 30 anos que espero por este abraço.

Com lágrimas nos olhos, ela disse

– Também estou muito feliz em revê-lo, depois de tanto tempo.

Os dois conversaram, falaram de suas famílias, dos acontecimentos dos últimos 30 anos. Deram gargalhadas com piadas sobre si mesmos, sobre a idade, o tempo que passou e que deixou marcas.

Ana Maria ficou aliviada, pois sentiu que entre eles sobraram apenas carinho e amizade, nada mais que isso. Percebeu que a paixão da juventude ficou no passado. Afinal, não tinham mais 20 anos. A vida agora era outra e tudo não passou de uma ilusão de sua cabeça.

Ele a acompanhou até o carro, abraçou-a bem apertado, e Ana Maria sentiu que aquele era o abraço que um devia ao outro há 30 anos, o abraço da despedida.

Os dois se despedem e ele disse:

– Você foi muito importante na minha vida.

– Pra mim também, você foi muito importante. Desejo toda felicidade do mundo pra você.

E entrou no carro com a certeza de que tudo começou no Carnaval de 1984 e terminou ali, no Carnaval de 2014.

Mãe batalhadora

Sueli Tiemi Arashiro Moriya

Certa vez, tive o privilégio de conhecer uma grande mulher, esposa e mãe, que teve sua história de vida marcada por muito sofrimento; sua fé era imensa e sua força era gigantesca! Ela fazia limpeza num santuário e cuidava de tudo com muito amor. Era uma pessoa alegre, de estatura baixa e seu nome era Imaculada.

Nunca demonstrava cansaço em sua vida nem reclamava de seus problemas, que não eram poucos. O marido era trabalhador, mas tinha o vício do alcoolismo e seu filho era deficiente.

O bebê nasceu normal, mas, no decorrer do tempo, teve uma doença na coluna vertebral e não andou mais. Passou a utilizar uma cadeira de rodas. Era muito inteligente, gostava de estudar, mas nem com isso foi possível prosseguir.

Sua mãe não parava em casa, pois o levava sempre à AACD (Associação de Assistência à Criança Deficiente). Até que se chegou a um ponto em que não havia mais jeito e o garoto veio a falecer.

Essa foi uma grande experiência que pude presenciar.

O novo mundo

Teresinha Cordeiro

Há um ano e nove meses tudo era normal e tudo era muito bom. Quanto mais gente reunida, melhor. Beijos e abraços de parentes e amigos eram a coisa mais gostosa, aconchegante e carinhosa que se tinha.

De repente, apareceu algo que tirou tudo isso de uma forma tão trágica e triste que todo mundo ficou sem chão. Que desespero! Passou-se a procurar uma solução para esse grande problema chamado PANDEMIA.

O mundo ficou diferente: todos com medo, escondidos... Medo uns dos outros. Até pareciam ter nojo de sair nas ruas. O pânico tomou conta de todos.

Os que tinham fé confiavam em Deus e rezavam, desesperados, pedindo que se encontrasse uma solução para essa tragédia. Depois de tantas mortes, sofrimento e tristeza, Deus iluminou os cientistas para descobrirem uma possível cura.

Agora todos estão se levantando, ainda um pouco atordoados, mas confiantes de que o mal está passando, de que o mundo vai continuar de uma forma diferente, um novo mundo, mas sempre agradecendo a Deus por estarem vivos.

Este livro utiliza as fontes Verdana, Microsoft Sans Serif, Eras Bold e Eras Medium.

Foi impresso por Meta Soluções Digitais nos papéis: off-set 120 g/m² (miolo) e Triplex 300 g/m² (capa).

Vinte e três mulheres, participantes da Oficina de Contos 50+, buscaram em suas experiências pessoais a motivação para escrever boas histórias, que valessem a pena registrar. A partir de sentimentos como saudade, admiração, amor e gratidão, produziram os contos e as crônicas que compõem esta obra. Eles são, em última instância, um tributo à vida.

LEI
ALDIR
BLANC



PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL